

Fake news: rumo ao inconsciente político¹

Dinarte Varela²

Margarete Almeida³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

No Brasil, a produção e disseminação de notícias falsas visando o negacionismo científico, histórico e ataques políticos-ideológicos as instituições, têm interferido, amiúde, nas decisões do campo social e político. Objetivando essas questões, o inconsciente político, modelo teórico interpretativo, proposto por Fredric Jameson, contribui com uma resposta a essa problemática que o campo jornalístico enfrenta na contemporaneidade, rumo a um inconsciente político digital.

PALAVRAS-CHAVE: *fake news*; desinformação; inconsciente político; jornalismo.

Introdução

A produção de textos com objetivo à desinformação tem tomado grande repercussão no processo político brasileiro, contribuindo para eleger vários candidatos para os mais diversos cargos, de presidente a vereador, com desdobramentos que impactam na economia e nas políticas públicas para diversos segmentos na sociedade brasileira. Ladisau Dowbor examinando um novo mundo econômico que surge, constata que já não é preciso fábricas, e sim “tecnologia, *software*, plataformas virtuais de intermediação, sistemas de organização, algoritmos, inteligência artificial.”¹ A nossa percepção é que os sistemas de controle pela informação manifestam-se na mudança cognitiva de visão de mundo, seja ela política, filosófica, social e histórica.

Método e objeto

O Inconsciente político modelo teórico interpretativo proposto por Fredric Jameson apresenta três horizontes concêntricos convergentes que estruturam o *inconsciente político* que com a interpretação dos textos culturais devendo ocorrer, assim como, o jornalismo como uma crônica diária que informa a sociedade sobre ela mesma em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE11Desinformação educação midiáticas plataformas digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor de Jornalismo. Coordena o Laboratório de Checagem e Combate à desinformação – Alúmia, financiado pela Secretaria de Ciência e Tecnologia de João Pessoa e Agência de Inovação Tecnologia de João Pessoa. Edital 010/2024. Email: dvb@academico.com.br

³ Professora de Jornalismo. Email: maragaretea@gmail.com

processos indissociáveis das realidades que o próprio jornalismo socialmente constrói ao longo do tempo, para em seguida o campo social e a luta inerente das classes sociais nesse novo contexto de precarização e uberização do trabalho para logo em seguida a compreensão “História agora concebida em seu mais amplo sentido de sequência de modos de produção e da sucessão e destino das várias formações sociais humanas, da vida pré-histórica a qualquer tipo de História futura que nos aguarde.”² O primeiro horizonte metodológico – histórico ou político – é aquele horizonte no qual: “a produção da forma estética ou narrativa deve ser vista como um ato ideológico em si próprio com a função de inventar soluções imaginária ou formais para contradições sociais insolúveis.”³ A articular a contradição é condição fundamental não apenas neste horizonte metodológico, mas nos dois horizontes subsequentes também. Neste primeiro horizonte, Jameson aponta possíveis contradições como, por exemplo, as variadas vertentes do nacionalismo, as forças políticas transnacionais do comunismo e do fascismo. O surgimento do bolsonarismo caracterizado como prática e discurso de extrema direita, encarna a força transnacional do fascismo no Brasil, carecendo fabricar um inimigo que sirva também como representação de uma força transnacional, o comunismo. O candidato a ser derrotado como comunista foi Lula, aquele que irá fechar igrejas, satanista que defendia o aborto, a religião torna-se um elemento político, uma disputa entre as forças celestiais e as trevas do inferno, entre ungido messias Jair Bolsonaro e endemoniado Lula. Uma disputa entre o bem e o mal, com a desinformação ressignificando a realidade em um sistema de antinomias, contradição social que registra o funcionamento ideológico das posições binárias. O que floresce como um ecossistema na disseminação de notícias falsas para além das redes sociais digitais, tem apoio da mídia corporativa. O segundo horizonte – **o social** – se apresenta com ênfase no dialogismo bakhtiano, sendo a análise discursiva apreendida como “a menor unidade inteligível dos discursos coletivos essencialmente antagônicos das classes sociais⁴”, conceitualmente denominado por Jameson de *ideologema*, podendo ser compreendido como: “como pseudo-ideia – um sistema conceitual ou de crença, um valor abstrato, uma opinião ou preconceito – ou uma protonarrativa, uma espécie de fantasia de classe essencial com relação aos “personagens coletivos” que são as classes em oposição”⁵ E ainda, acrescenta que o *ideologema* pode se apresentar como “um sistema filosófico, por um lado, e a de um texto cultural, por outro lado⁶.” O discurso jornalístico traz em si mesmo referências das classes sociais em

oposição, o preconceito de classe encarnado, principalmente em relação as políticas públicas de distribuição de renda ou outras que possam favorecer a pobreza. A articular os fatos jornalísticos como *ideologema*, pode ser tomada de empréstimo na perspectiva apontada por Adelmo Genro Filho: “a notícia é a unidade básica de informação do jornalismo. São os fatos jornalísticos, objeto das notícias, que constituem a menor unidade de significação.”⁷ a relação sujeito/objeto na construção do jornalismo como ciência produtora de conhecimento acerca das realidades e, ainda, a instauração de uma relação ética dialógica do jornalista com o seu público, é o programa a ser seguido, pois como se é dado a saber: “O dizer a verdade dos fatos abrange muito mais que a informação diária suprida pelos jornalistas, posto que sem ele nunca poderíamos nos orientar em mundo em contínua mudança e, no sentido mais literal possível nunca saberíamos onde nos encontraríamos.”⁸ O jornalismo registra o triunfo do processo civilizatório como história da barbárie e documento de cultura, outros pares em oposição podem ser visto em Leticia Cesarino, como “emoção e razão, verdade e crença, objetividade e subjetividade, as próprias noções de opinião pública e pessoal,”⁹ Como pares em oposição, os vemos como antinomias no programa das fake news que já estão em pleno movimento. E quanto aos modos de produção de verdade aproxima-se do terceiro horizonte teórico metodológico, denominado **ideologia da forma** – que concebe a História com sucessora dos vários modos de produção existentes numa formação social: “a este objeto que propusemos designar como o “histórico”, no sentido mais amplo da palavra. Aqui, a unidade organizadora será o que a tradição marxista chama de modo de produção.”¹⁰ A concepção aqui compreendida é que o desenvolvimento histórico-social ocorre de modo sincrônico, podendo coexistir vários modos de produção sob a hegemonia de um deles, assim, podemos interpretar o texto conforme “as mensagens emitidas pelos vários sistemas de signos que coexistem em dado processo artístico bem como na formação social geral.”¹¹ Sendo pela emissão de mensagens específicas emitidas pelos variados sistemas de signos que a contradição deve ser apreendida. A contradição neste horizonte por nos apreendida se dará pela historicização do jornalismo através de seus gêneros textuais como narrativa da *ideologia da forma*, abrangendo os gêneros jornalísticos digitais, campo de proliferação de desinformação que segue colonizando o inconsciente político digital como narrativa mestra que mobiliza com fervor o imaginário

militante das forças em oposição. E, o modo de produção aqui concebido não é aquele modelo producionista.

Conclusão

Se na sociedade de massas a desinformação e manipulação tem sido objeto de estudos dos funcionalistas, da Teoria Crítica ao Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET), as conclusões a chegam parecem ser as mesmas: dominação, controle e lucro.¹² Vivemos uma miséria informativa, a mercadoria notícia tem seu valor de troca com likes, por algoritmo que as seleciona as distribuem conforme a coleta de dados que máquinas e pessoas deixam como rastros de seus gostos, desejos e medos que metamorfoseiam o mundo. Conceito como o de esfera pública, é revisto e ajustado para as mídias digitais, é plataformização da esfera pública que inaugura novas relações de poder e inclusão que só a comunicação digital permite, mesmo que de forma fragmentada empodera esses autores na difusão de notícias falsas. A defesa de um inconsciente político digital nos dar uma resposta a miséria informativa em que vivemos.

¹ DAWBOR Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Ed. Sesc, 2020. p. 35.

² JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática 1992. p. 68.

³ *Ibidem*. p.72.

⁴ JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática 1992. p. 69.

⁵ *Idem*, p.80.

⁶ *Idem*, p.80.

⁷ GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: por uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1982. p. 186.

⁸ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2022.p.364

⁹ CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.p.208.

¹⁰ JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática 1992. p. 81.

¹¹ *Idem*. p.90.

¹² MATTA, Fernando Reyes (Org.). **A informação na nova ordem internacional**. São Paulo: Paz e Terra, 1980. p.26.